

SEBASTIÃO E A BORBOLETA DE ASAS MURCHAS (Script by Ana Paula Afonso)

Objetivo:

Consciencializar os cuidadores e crianças de que as dificuldades fazem parte da vida e há que ser proativos na sua resolução.

Personagens: Sebastião, o bando de miudos, o jardineiro, a borboleta.

Sebastião era um miúdo franzino, algo acanhado, que ia entrar para a escola primária em setembro. Gostava comer bolachas de chocolate e jogar à bola no parque. Na generalidade, os miudos do infentário eram seus amigos, mas volta e meia Sebastião era motivo de risota no recreio.

Porquê?! Porque com 5 anos e meio ainda não conseguia apertar os atacadores das sapatilhas!!

Sempre que andava em correrias pelo recreio e os atacadores se desapertavam, ia pedir a algum adulto que lhe apertasse os atacadores. Ele já tinha tentado mas não tinha conseguido, e como a Mamã estava sempre com pressa de manhã, acabava por lhe apertar os atacadores.

O ano letivo tinha terminado, e o Sebastião estava no ATL. Nessa tarde quente de verão, as monitoras levaram os meninos ao parque. Os meninos jogavam à bola. Quando ia a preparar-se para rematar, os atacadores da sapatilha do Sebastião desapertaram-se, ele estatelou-se no chão e lá se foi o golo! Foi uma algazarra!

Sebastião saiu do campo e foi sentar-se num banco junto a uma árvore a chorar. Passado um pouco, sentou-se junto a ele o jardineiro.

- Então rapaz? O que é isso? Magoaste-te? – perguntou o jardineiro.

- Oh...os meus amigos riram-se de mim porque falhei um golo.- disse a soluçar.

- Ai sim?! Mas isso acontece a qualquer um. – responde o jardineiro com um sorriso.

- Pois, mas a mim aconteceu-me porque tinha as sapatilhas desapertadas.- respondeu Sebastião

- Ah isso é muito perigoso; podes magoar-te. E porque não as apertaste? – disse o jardineiro.

- Eu não sei...e a Mamã não estava cá. Vou mas é dizer à minha Mamã que não quero usar mais sapatilhas; agora só quero sapatos sem atacadores. –resmungou Sebastião.

O jardineiro olhou para a árvore e sorriu dizendo: - Já viste o que está ali naquele galho?

- O quê? O quê? – perguntou o Sebastião

- É um casulo de borboleta. Está a mexer-se desde esta manhã; a borboleta está para eclodir.

Passaram alguns minutos...e nada de borboleta. Para Sebastião, com a impaciência característica dos 6 anos, aqueles minutos pareciam uma eternidade.

- Mas a borboleta não consegue sair do casulo. Aquilo parece muito duro.

- Não, é assim mesmo. – retorquiu

- Mas ...não podemos ajudá-la?! Para ser mais rápido, como quando a mamã me aperta os atacadores?

- Tens a certeza? Está bem....

Pegou num canivete e cortou o que restava do casulo. A borboleta saiu rapidamente; o seu corpo estava murcho e as asas amassadas. Andou pelo galho, saltou para uma folha e outra...mas nada de abrir as asas.

- Quando é que a borboleta vai voar? É que daqui a pouco a minha Mamã vem buscar-me. – disse Sebastião

- Voar?! Esta borboleta nunca vai voar Sebastião. – respondeu o jardineiro

- Então porquê? – retorquiu o pequeno espantado

- Porque a ajudámos a sair do casulo. O casulo das borboletas tem que ser apertado, para que ao mexer-se para sair dele o fluido corporal se espalhe pelas asas e ela consiga abri-las ao sol e voar. Esta borboleta não se esforçou para se libertar do casulo...não tem força nas asas, nunca voará.

Cabisbaixo, Sebastião olhou para a borboleta e soltou uma lágrima. O jardineiro estendeu-lhe um lenço e disse-lhe:

- Não chores rapaz. A natureza é a melhor professora que há...tem sempre uma lição para nós. Lembra-te da borboleta sempre que calçares umas sapatilhas.

Sebastião, foi ter com os amigos. Já não ia a chorar. Levava no olhar a determinação de aprender a apertar os atacadores. Nunca seria uma borboleta de asas murchas.